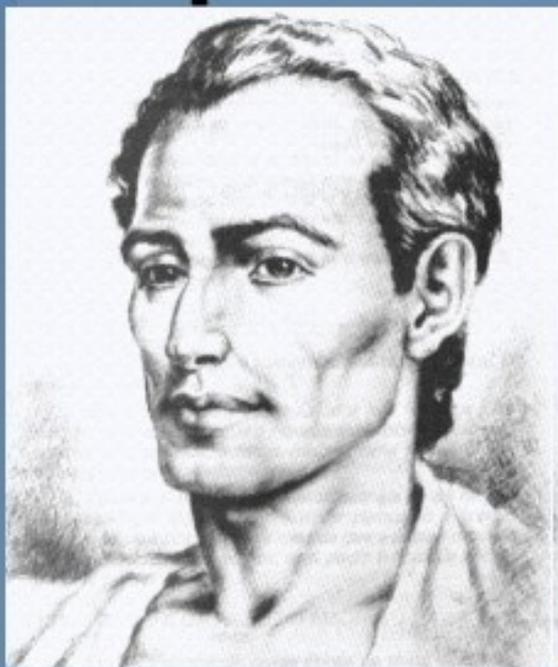


Religião dos Espíritos



Emmanuel

Psicografia - Chico Xavier

CAPÍTULO XXXI – Veneno

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXXI)

Iniciamos o estudo da obra “Religião dos Espíritos” de Emmanuel – psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier – publicado em 1960 pela Federação Espírita Brasileira.

Nesta construção apresentaremos o próprio capítulo e complementos, visando enriquecer o conhecimento.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXXI)

Índice

Assunto	Origem	Página
Capítulo XXXI – Veneno	O Consolador	04
Complementos		
O mal que nos faz mal	O Consolador	05
A mordida e o veneno	O Consolador	07
Recuperação	O Consolador	09

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXXI)

Veneno

Reunião pública 04/05/1959

Questão 938

Corrosivo no coração, a surgir do conúbio entre a revolta e o desânimo, tísna o manancial da emotividade e sobe à cabeça em forma de nuvem. E, chegado ao cérebro, transfigura o pensamento em plasma sutil de lodo, conturbando a visão que se envolve em clamoroso desequilíbrio.

A vítima, desse modo, não mais enxerga o bem que o Céu espalha em tudo, para ver simplesmente o mal que traz consigo, e imagina, apressada, espinheiros e pântanos onde há flores e bênçãos, mentalizando o crime onde brilha a virtude. Em funesto delírio, chega a lançar de si escárnio e vilipêndio à própria Natureza que revela a Bondade Infinita de Deus.

Mas o agente sombrio não descansa nos olhos, porque invade os ouvidos, procurando a maldade nas palavras do amor, e descendo, letal, para a zona da língua, converte a boca em fossa de azedia e amargura, concitando os ouvintes do império da sombra, como se pretendesse escurecer o Sol e enlutar as estrelas.

Desde então, julga achar em toda criatura expoente do vício, aceitando a suspeita em lugar da esperança e exaltando a mentira, com que faz de si mesma um campo deplorável de aspereza e loucura.

Paralisando as mãos na preguiça insensata, acusa o mundo e a vida, sem doar-lhes a menor expressão de auxílio e entendimento.

E atingindo o apogeu da demência cruel, acalenta infeliz, o desejo da morte, com a qual se precipita à cova do suicídio, para sofrer, depois, a expiação tremenda do insulto à Lei Divina e da injúria a si mesma.

Guardai-vos, pois, assim, no clima luminoso do serviço constante, amando e perdando, ajudando e aprendendo, porquanto esse veneno que corrói a alma humana, dela fazendo, enfim, triste charco de trevas, chama-se pessimismo.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXXI)

O mal que nos faz mal

Lemos no cap. 10 do Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec:

“A morte, como sabemos, não nos livra dos nossos inimigos; os Espíritos vingativos perseguem, muitas vezes, com seu ódio, no além-túmulo, aqueles contra os quais guardam rancor; donde decorre a falsidade do provérbio que diz: ‘Morto o animal, morto o veneno’, quando aplicado ao homem. O Espírito mau espera que o outro, a quem ele quer mal, esteja preso ao seu corpo e, assim, menos livre, para mais facilmente o atormentar, ferir nos seus interesses, ou nas suas mais caras afeições. Nesse fato reside a causa da maioria dos casos de obsessão, sobretudo dos que apresentam certa gravidade, quais os de subjugação e possessão. O obsidiado e o possesso são, pois, quase sempre vítimas de uma vingança, cujo motivo se encontra em existência anterior, e à qual aquele que a sofre deu lugar pelo seu proceder.” (O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. X, item 6.).

Analiseemos o seguinte exemplo.

Uma pessoa vive às voltas com um inimigo ferrenho que a vem prejudicando de todas as formas. A pessoa então decide matá-lo. Afinal – ela certamente pensará – “Morto o animal, morto o veneno”.

Ocorre que, não existindo morte senão para o corpo físico, o Espírito daquele que foi morto, assim que for possível, voltará ao seu propósito, porque tal é sua índole. E a pessoa que determinou sua morte passará a sofrer agora as danosas consequências de uma vingança pertinaz, cujo tratamento será muito difícil, como já foi mostrado nesta revista em inúmeras oportunidades.

Ampliemos o exemplo.

Digamos que um povo, ou parte dele, sofre as maldades de um grupo extremista perigoso, como vem ocorrendo no Iraque, na Síria e na Nigéria. Os partidários do grupo extremista sequestram até crianças. Saqueiam, incendeiam, matam sem piedade. O povo então busca a ajuda de outros povos e, depois de lutas e batalhas cruentas, consegue dizimar aquele grupo ou parte dele.

Ocorre que a morte não existe, a não ser para o corpo físico, e então aquele grupo, de novo reunido no plano espiritual e sedento de vingança, volta a atormentar, prejudicar, obsidiar comunidades inteiras, do que existem registros na Bíblia e em diversos periódicos. E com isso a maldade naquela região parece não ter fim, porque existem fatores que a alimentam de forma contínua.

Os registros comprovam o que dizemos.

Na edição de agosto de 1864 da Revue Spirite, Kardec noticiou o retorno dos fenômenos de Morzine, que haviam sido objeto das edições da Revue nos meses de dezembro de 1862, janeiro, fevereiro, março e maio de 1863. Segundo a notícia, a epidemia demoníaca – denominação usada pelos jornais da época –, que tivera começo em 1857, reaparecera com bastante intensidade.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXXI)

Morzine é o nome de uma comuna francesa, situada na Alta Saboia, a 8 léguas de Thonon, junto aos Alpes suíços. Sua população, de cerca de 2.500 pessoas, além da aldeia principal, compreendia, várias outras espalhadas na região.

Segundo São Luís, guia espiritual da Sociedade Espírita de Paris, os possessos de Morzine estavam realmente sob a influência de Espíritos atraídos para aquela região por causas que um dia serão conhecidas. “Se todos os homens fossem bons - disse São Luís - os maus Espíritos deles se afastariam porque não poderiam os induzir ao mal. A presença dos homens de bem os faz fugir; a dos homens viciosos os atrai, ao passo que se dá o contrário com os bons Espíritos.” (Revue Spirite de 1863, p. 140.).

Comentando o assunto, Kardec disse que, realmente, tudo indicava que aqueles fenômenos eram o resultado de uma obsessão coletiva, como se produziu ao tempo de Jesus. Cada povo fornece ao mundo invisível ambiente Espíritos similares que, do espaço, reagem sobre as pessoas das quais, por força de sua inferioridade, conservaram os hábitos, as inclinações e os preconceitos. Os povos bárbaros estariam, assim, cercados por uma massa de Espíritos igualmente bárbaros, até que o progresso os tenha levado, a encarnar-se num meio mais adiantado. (Revue Spirite de 1865, pp. 54 e 55.).

Não adianta, portanto, como se faz comumente em nosso planeta, combater a violência e a maldade tão somente com ações do mesmo tipo. É preciso ir às causas que as geram, porque o uso da força e da violência não levará nosso mundo à condição descrita por Jesus ao reportar-se ao final do “mundo velho”, quando então, segundo ele, o Evangelho do reino seria ensinado em todos os lugares.

Existe um princípio muito conhecido dos espíritas e repetido com frequência por estudiosos diversos, como o estimado orador Divaldo Franco: “O mal que nos faz mal não é o mal que nos fazem, mas o mal que fazemos”.

Em outras palavras: que sejamos nós os agredidos, jamais os agressores.

Como a vida não se encerra no túmulo, aqueles que matam que agridem que infelicitam terão contas a prestar e nessa hora certamente se lembrarão de outro ensinamento dado por Jesus ao apóstolo Pedro: “Embainha a tua espada; porque todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão.” Mateus, 26:52.).

Editorial, O mal que nos faz mal – O Consolador – Nº 398 – 25/01/2015.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXXI)

A mordida e o veneno

Foi ofendido. Ouviu o que não devia e um pouco do que precisava. Foi humilhado, injustiçado, e aquilo bateu forte dentro de si. Acabada a refrega, terminada a contenda, cada um para seu lado e nosso protagonista segue, mordido. Mordido passará a semana, e aquela dor o atormentará, no lazer, no trabalho, no estudo, convertendo-se em um veneno, uma peçonha destilada nas falas, narrações infinitas do fato tormentoso que tanto o machucou.

O trecho narrado se encaixa em diversos personagens, nas lutas cotidianas, nos desentendimentos comuns da vida do trabalho, da escola, da casa espírita e que servem de palco para espetáculos lamentosos, com frases desnecessárias, que terminam por deixar o indivíduo “mordido”, magoado com aquilo tudo e encontrando como solução, espalhar seu veneno por todo seu entorno.

O orgulho ferido figura como causa essencial dessa situação. Afetados em nossa postura, ao invés de buscar a reflexão, partimos para a contra-argumentação, como meninos mimados, a medir espaços com nossos opositores, querendo a réplica, a tréplica, dessa nossa batalha individual. Seguimos sangrando, querendo a revanche da situação que nos abalou, engendrando na mente cenários de como foi ou de como deveria ter sido, massageando medos e inseguranças, centrando na disputa e pouco em soluções.

A capacidade de perdoar e de reconstruir relações se apresenta como competência cicatrizante para estancar a mordida e impedir que esse veneno se espalhe na fofoca e na maledicência. Perdoar é uma ciência que precisamos aprender, e exercitar, setenta vezes sete vezes, como já dito por Jesus.

Passar uma borracha, reiniciar entendimentos, ceder e negociar são ações essenciais aos que buscam a paz e a produtividade nas relações. Pensar nas tarefas, no grupo, nos contextos, sopesando isso com o que motivou o entrevero, é uma postura madura em casos de atritos entre as diversas equipes de trabalho, e que permite relevarmos os problemas, colocando-os no seu devido lugar.

Por vezes, ficamos sem falar com uma pessoa, magoados, e já nem nos lembramos do por quê. Antipatias e questões comezinhas servem de combustível para contendas que se arrastam e que têm a sua gênese, de fato, nas nossas imperfeições, na intolerância, na inveja e no ciúme, e que têm como estopim, por vezes, as questões menores.

No trabalho espírita, diante de um impasse, de um conflito, fuja do padrão de trocas de improperios, seguida da mágoa e da fofoca, na polarização destrutiva. Respeitemos o dissenso, como natural das relações, e valorizemos o diálogo, a indulgência e, ainda, a maturidade que nos permite sair do calor do momento e retornar à vida que segue.

O Cristo falou do perdão e do amor aos semelhantes. Kardec nos brindou com a valorização da argumentação e da humildade. Na casa espírita, na busca da construção do homem de bem, na realização de tarefas com amigos de cá e de lá, não se justifica o “climão” após reuniões com ideias divergentes, e sim a busca do diálogo e da reflexão, como forma de aprimoramento contínuo.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXXI)

Certamente, sabemos que isso é difícil... Mordidos ficamos e arrastamos essa ferida por anos a fio. Sofremos e fazemos sofrer, no veneno da maledicência, esquecendo a lição do perdão e de como pesam no coração o rancor e a mágoa. Mas reconhece-se o verdadeiro espírita pelo seu esforço, e aí reside toda a nossa força.

Marcus Vinícius de Azevedo Braga, A mordida e o veneno.

– O Consolador – Nº 401 – 15/02/2015

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXXI)

Recuperação

Não bastará desculpar aos que nos ofendem, simplesmente com os lábios. É imprescindível que o nosso coração participe de semelhante atitude.

Não bastará, porém, que o sentimento se associe ao trabalho do perdão. É preciso esquecer todo o mal.

Contudo, não basta, ainda, que olvidemos o assalto, a pedrada, a calúnia, o golpe, a incompreensão ou a ingratidão. É necessário agir com o bem, auxiliando direta ou indiretamente aos que nos feriram...

Através da prece que ajuda em silêncio...

Por intermédio de nova sementeira de fraternidade e simpatia...

Pelas referências amigas ou pelo estímulo edificante...

Através da compreensão.

Por intermédio da boa vontade.

Pela demonstração de entendimento e confiança.

O inimigo, em qualquer caso, é terreno que precisamos recuperar para o plantio de nossa felicidade porvindoura.

A discórdia é espinheiro.

A desarmonia é perturbação.

O ódio é veneno.

A antipatia é delituosa displicência.

Não basta, pois, que nos desvencilhemos daqueles que nos incomodam, através da caridade fácil ou da palavra brilhante.

É indispensável saibamos caminhar com eles, incentivando-lhes o soerguimento ou a elevação, a fim de que estejamos efetivamente no desempenho da Vontade do Senhor, onde estivermos.

Elucidações de Emmanuel, Recuperação – O Consolador – Nº 491 – 13/11/2016.

Emmanuel, Cartas do Coração, (Espíritos diversos), (Chico Xavier).